

Pedro

Estudo sobre Algoritmos de Menor Caminho em Grafos

Vitória, ES

2017

Pedro

Estudo sobre Algoritmos de Menor Caminho em Grafos

Monografia apresentada ao Curso de Ciência da Computação do Departamento de Informática da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Ciência da Computação.

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Centro Tecnológico

Departamento de Informática

Orientador: Prof. Dra. Maria Cláudia Silva Boeres

Vitória, ES

2017

Pedro

Estudo sobre Algoritmos de Menor Caminho em Grafos/ Pedro. – Vitória, ES,
2017-

33 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dra. Maria Cláudia Silva Boeres

Monografia (PG) – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Centro Tecnológico
Departamento de Informática, 2017.

1. Palavra-chave1. 2. Palavra-chave2. I. Souza, Vítor Estêvão Silva. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. IV. Estudo sobre Algoritmos de Menor
Caminho em Grafos

CDU 02:141:005.7

Pedro

Estudo sobre Algoritmos de Menor Caminho em Grafos

Monografia apresentada ao Curso de Ciência da Computação do Departamento de Informática da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Ciência da Computação.

Trabalho aprovado. Vitória, ES, 25 de setembro de 2017:

Prof. Dra. Maria Cláudia Silva Boeres
Orientador

Professor
Convidado 1

Professor
Convidado 2

Vitória, ES
2017

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Duis malesuada laoreet leo at interdum. Nullam neque eros, dignissim sed ipsum sed, sagittis laoreet nisi.

Agradecimentos

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Duis malesuada laoreet leo at interdum. Nullam neque eros, dignissim sed ipsum sed, sagittis laoreet nisi. Duis a pulvinar nisl. Aenean varius nisl eu magna facilisis porttitor. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Ut mattis tortor nisi, facilisis molestie arcu hendrerit sed. Donec placerat velit at odio dignissim luctus. Suspendisse potenti. Integer tristique mattis arcu, ut venenatis nulla tempor non. Donec at tincidunt nulla. Cras ac dignissim neque. Morbi in odio nulla. Donec posuere sem finibus, auctor nisl eu, posuere nisl. Duis sit amet neque id massa vehicula commodo dapibus eu elit. Sed nec leo eu sem viverra aliquet. Nam at nunc nec massa rutrum aliquam sed ac ante.

Vivamus nec quam iaculis, tempus ipsum eu, cursus ante. Phasellus cursus euismod auctor. Fusce luctus mauris id tortor cursus, volutpat cursus lacus ornare. Proin tristique metus sed est semper, id finibus neque efficitur. Cras venenatis augue ac venenatis mollis. Maecenas nec tellus quis libero consequat suscipit. Aliquam enim leo, pretium non elementum sit amet, vestibulum ut diam. Maecenas vitae diam ligula.

Fusce ac pretium leo, in convallis augue. Mauris pulvinar elit rhoncus velit auctor finibus. Praesent et commodo est, eu luctus arcu. Vivamus ut porta tortor, eget facilisis ex. Nunc aliquet tristique mauris id sollicitudin. Donec quis commodo metus, sit amet accumsan nibh. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus.

*“Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit.
Duis malesuada laoreet leo at interdum. Nullam neque eros, dignissim
sed ipsum sed, sagittis laoreet nisi.
(Lipsum generator)*

Resumo

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Duis malesuada laoreet leo at interdum. Nullam neque eros, dignissim sed ipsum sed, sagittis laoreet nisi. Duis a pulvinar nisl. Aenean varius nisl eu magna facilisis porttitor. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Ut mattis tortor nisi, facilisis molestie arcu hendrerit sed. Donec placerat velit at odio dignissim luctus. Suspendisse potenti. Integer tristique mattis arcu, ut venenatis nulla tempor non. Donec at tincidunt nulla. Cras ac dignissim neque. Morbi in odio nulla. Donec posuere sem finibus, auctor nisl eu, posuere nisl. Duis sit amet neque id massa vehicula commodo dapibus eu elit. Sed nec leo eu sem viverra aliquet. Nam at nunc nec massa rutrum aliquam sed ac ante.

Vivamus nec quam iaculis, tempus ipsum eu, cursus ante. Phasellus cursus euismod auctor. Fusce luctus mauris id tortor cursus, volutpat cursus lacus ornare. Proin tristique metus sed est semper, id finibus neque efficitur. Cras venenatis augue ac venenatis mollis. Maecenas nec tellus quis libero consequat suscipit. Aliquam enim leo, pretium non elementum sit amet, vestibulum ut diam. Maecenas vitae diam ligula.

Fusce ac pretium leo, in convallis augue. Mauris pulvinar elit rhoncus velit auctor finibus. Praesent et commodo est, eu luctus arcu. Vivamus ut porta tortor, eget facilisis ex. Nunc aliquet tristique mauris id sollicitudin. Donec quis commodo metus, sit amet accumsan nibh. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus.

Duis elementum dictum tristique. Integer mattis libero sit amet pretium euismod. Curabitur auctor eu augue ut ornare. Integer bibendum eros ullamcorper rhoncus convallis. Pellentesque non pretium ligula, sit amet bibendum eros. Nam venenatis ex felis, quis blandit nunc auctor sit amet. Maecenas ut eros pharetra, lobortis neque id, fermentum arcu. Cras neque dui, rhoncus feugiat leo id, semper facilisis lorem. Fusce non ex turpis. Nullam venenatis sed ligula ac lacinia.

Palavras-chaves: lorem. ipsum. dolor. sit. amet.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Exemplo de figura: logo do Nemo.	15
Figura 2 – Exemplo de figura em modo paisagem: um modelo de objetivos (SOUZA; MYLOPOULOS, 2013).	16
Figura 3 – Aplicação do algoritmo de Dijkstra tendo o vértice "A" como origem. As arestas pintadas de preto correspondem a rota calculada a todos os demais vértices.	21
Figura 4 – Exemplo de Heap Binário representado como árvore.	22
Figura 5 – Representação do Heap Binário da figura 4 como vetor.	22
Figura 6 – Exemplo de Heap de Fibonacci (os números no canto superior esquerdo de cada nodo correspondem ao grau de cada um, ou seja, o número de filhos).	24
Figura 7 – Heap de Fibonacci da figura 6 após a operação de extração de mínimo.	25
Figura 8 – Tempos computacionais obtidos pelos Métodos de Dijkstra empregados (tempo em escala logarítmica).	26
Figura 9 – Ganho relativo dos Métodos do Algoritmo de Dijkstra sobre o Canônico.	27

Lista de tabelas

Tabela 1	– Exemplo de tabela com diferentes alinhamentos de conteúdo.	17
Tabela 2	– Exemplo que especifica largura de coluna e usa lista enumerada (adaptada de (SOUZA; MYLOPOULOS, 2013)).	17
Tabela 3	– Exemplo que mostra equações em duas colunas (adaptada de (SOUZA; MYLOPOULOS, 2013)).	17
Tabela 4	– Instâncias a serem rodadas pelo algoritmo de Dijkstra em suas três versões.	25
Tabela 5	– Configuração dos grafos correspondentes as malhas viárias descritas na tabela 4.	26
Tabela 6	– Tempos Computacionais obtidos pelo algoritmo de Dijkstra em suas diferentes versões (tempo em milissegundos).	27
Tabela 7	– Ganho relativo sobre o Dijkstra Canônico.	27

Lista de abreviaturas e siglas

UML	Unified Modeling Language
-----	---------------------------

Sumário

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Seções e subseções	12
1.1.1	Referências a seções	12
1.1.2	Sobre referências cruzadas	12
1.2	Citações bibliográficas	13
1.3	Listagens de código	14
1.4	Figuras	14
1.5	Tabelas	17
2	ALGORITMO DE DIJKSTRA	20
2.1	O Algoritmo	20
2.1.1	Garantia do algoritmo retorna o menor valor	21
2.2	Versões do Algoritmo implementadas e suas Estrutura de Dados	21
2.2.1	Dijkstra Heap Binário	22
2.2.2	Dijkstra Heap de Fibonacci (A revisar)	23
2.3	Experimentos Computacionais	25
2.3.1	Resultados obtidos	26
2.3.2	Análise dos resultados	27
2.4	Conclusões (A revisar)	28
3	ESPECIFICAÇÃO DE REQUISITOS	29
4	PROJETO ARQUITETURAL E IMPLEMENTAÇÃO	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICES	33

1 Introdução

Texto.

Além do template pronto para uso, este documento inclui exemplos de uso de \LaTeX que podem ser úteis para aqueles que possuem pouca experiência com a ferramenta. Quando for começar a escrever seu TCC, apague todo o conteúdo abaixo da palavra “Texto”.

1.1 Seções e subseções

O documento é organizado em capítulos (`\chapter{}`), seções (`\section{}`), subseções (`\subsection{}`), sub-subseções (`\subsubsection{}`) e assim por diante. Atenção, porém, a não criar estruturas muito profundas (sub-sub-sub-...) pois o documento não fica bem estruturado.

1.1.1 Referências a seções

Cada parte do documento (capítulo, seção, etc.) deve possuir um rótulo logo abaixo de sua definição. Por exemplo, este capítulo é definido com `\chapter{Introdução}` seguido por `\label{sec-intro}`. Assim, podemos fazer referências cruzadas usando o comando `\ref{rótulo}`: “O Capítulo 1 começa com a Seção 1.1, que é ainda subdividida nas subseções 1.1.1 e 1.1.2.”

Para melhor organização das partes do documento, sugere-se primeiro utilizar o prefixo `sec-` (para diferenciar de referências à figuras, tabelas, etc. quando usarmos o comando `\ref{}`) e também representar a hierarquia das seções nos rótulos. Por exemplo, o Capítulo 1 tem rótulo `sec-intro`, sua Seção 1.1 tem rótulo `sec-intro-secoes` e a Subseção 1.1.1 tem rótulo `sec-intro-secoes-refs`.

1.1.2 Sobre referências cruzadas

Nas próximas seções, veremos que é possível fazer referência cruzada não só a seções mas também a listagens de código, figuras, tabelas, etc. Em todos estes casos, quando nos referimos à Seção X, Listagem Y ou Figura Z, consideramos que estes são os nomes próprios destes elementos e, portanto, usa-se a primeira letra maiúscula. Isso pode ser visto na Subseção 1.1.1, acima. A exceção é quando nos referimos a vários elementos ao mesmo tempo, por exemplo: “as subseções 1.1.1 e 1.1.2”.

Por fim, ao usar o comando `\ref{}`, sugere-se separá-lo da palavra que vem antes dele com um `~` ao invés de espaço. Por exemplo: o `capítulo~\ref{sec-intro}`. Isso faz com que o \LaTeX não quebre linha entre a palavra `capítulo` e o número do capítulo.

1.2 Citações bibliográficas

Este documento utiliza a ferramenta de gerenciamento de referências bibliográficas do \LaTeX , chamada *BibTeX*. O arquivo `bibliografia.bib`, referenciado no arquivo \LaTeX principal deste documento, contém algumas referências bibliográficas de exemplo. Assim como capítulos, seções, etc., tais referências também possuem rótulos, especificados como primeiro parâmetro de cada entrada (ex.: `@incollection{souza-et-al:iism08, ...}`).

Sugere-se um padrão para rótulos de referências bibliográficas para que fique claro também no código \LaTeX qual referência está sendo citada. Por exemplo, ao citar a referência `souza-et-al:sesas13`, sabemos que é um artigo escrito por *Souza* e outros, publicado no *SESAS* em *2013* (geralmente a pessoa que citou sabe que publicação é SESAS e quem é Souza).

Para citar uma referência bibliográfica contida no arquivo *BibTeX*, basta usar seu rótulo como parâmetro de um de dois comandos possíveis de citação:

- O comando `\cite{}` efetua uma citação tradicional, colocando o nome do(s) autor(es) e o ano entre parênteses. Por exemplo, `\cite{souza-et-al:iism08}` é transformado em (SOUZA; FALBO; GUIZZARDI, 2008);
- O comando `\citeonline{}` efetua uma citação integrada ao texto, colocando o nome do(s) autor(es) direto no texto e somente o ano entre parênteses. Por exemplo, “de acordo com `\citeonline{souza-et-al:iism08}`” é transformado em: de acordo com Souza, Falbo e Guizzardi (2008);

Também é possível citar vários trabalhos de uma só vez, separando os rótulos das referências bibliográficas com uma vírgula dentro do comando apropriado. Por exemplo, `\cite{souza-et-al:sesas13,souza-et-al:csrd13}` (SOUZA et al., 2013b; SOUZA et al., 2013a).

Os trabalhos citados são automaticamente incluídos na seção de referências bibliográficas, ao final do documento. Tudo é formatado automaticamente segundo padrões da ABNT.

1.3 Listagens de código

O pacote `listings`, incluído neste template, permite a inclusão de listagens de código. Análogo ao já feito anteriormente, listagens possuem rótulos para que possam ser referenciadas e sugerimos uma regra de nomenclatura para tais rótulos: usar como prefixo o rótulo do capítulo, substituindo `sec-` por `lst-`.

A Listagem 1.1, por exemplo, possui o rótulo `lst-intro-exemplo` e representa o código que foi usado no próprio documento para exibir as listagens desta seção. Como podemos ver, a sugestão é que os arquivos de código sejam colocados dentro da pasta `codigos/` e tenham nome idêntico ao rótulo, colocando a extensão adequada ao tipo de código.

Listagem 1.1 – Exemplo de código L^AT_EX para inclusão de listagens de código.

```
1 \lstinputlisting[label=lst-intro-exemplo, caption=Exemplo de código \latex para
   inclusão de listagens de código., float=htpb]{codigos/lst-intro-exemplo.tex}
2
3 \lstinputlisting[label=lst-intro-outroexemplo, caption=Exemplo de código \java
   especificando linguagem utilizada., language=Java]{codigos/lst-intro-
   outroexemplo.java}
```

A Listagem 1.2 mostra um exemplo de listagem com especificação da linguagem utilizada no código. O pacote `listings` reconhece algumas linguagens¹ e faz “coloração” de código (na verdade, usa **negrito** e não cores) de acordo com a linguagem. O parâmetro `float=htpb` incluído em ambos os exemplos impede que a listagem seja quebrada em diferentes páginas.

Listagem 1.2 – Exemplo de código JavaTM especificando linguagem utilizada.

```
1 public class HelloWorld {
2     public static void main(String[] args) {
3         System.out.println("Hello, World!");
4     }
5 }
```

1.4 Figuras

Figuras podem ser inseridas no documento usando o *ambiente* `figure` (ou seja, `\begin{figure}` e `\end{figure}`) e o comando `\includegraphics{}`. Existem alguns outros elementos e propriedades úteis de serem configuradas, resultando no código exibido na Listagem 1.3.

O comando `\centering` centraliza a figura na página. A opção `width` do comando

¹ Veja a lista de linguagens suportadas em http://en.wikibooks.org/wiki/LaTeX/Source_Code_

Listagem 1.3 – Código L^AT_EX utilizado para inclusão das figuras na Seção 1.4.

```

1 \begin{figure}
2 \centering
3 \includegraphics[width=.25\textwidth]{figuras/fig-intro-nemologo}
4 \caption{Exemplo de figura: logo do Nemo.}
5 \label{fig-intro-nemologo}
6 \end{figure}
7
8 \begin{sidewaysfigure}
9 \centering
10 \includegraphics[width=\textwidth]{figuras/fig-intro-exemplosideways}
11 \caption{Exemplo de figura em modo paisagem: um modelo de objetivos~\cite{souza-
    mylopoulos:spel3}.}
12 \label{fig-intro-exemplosideways}
13 \end{sidewaysfigure}

```



Figura 1 – Exemplo de figura: logo do Nemo.

`\includegraphics{}` determina o tamanho da figura e usa-se `\textwidth` (opcionalmente multiplicado por um número) para se referir à largura da página.

O parâmetro do comando `\includegraphics{}` indica onde a imagem pode ser encontrada. Foi criado o diretório **figuras/** para conter as figuras do documento, dando uma melhor organização aos arquivos. Ao abrir esta pasta, repare que as figuras possuem duas versões—uma em **.eps** e outra em **.pdf**—e que o comando `\includegraphics{}` não especifica a extensão. Isso se dá porque o L^AT_EX possui um compilador para formato PostScript (**latex**) que espera as imagens em **.eps** e um compilador para PDF (**pdflatex**) que espera as imagens em **.pdf**.

Por fim, o comando `\caption{}` especifica a descrição da figura e `\label{}`, como de costume, estabelece um rótulo para permitir referência cruzada de figuras. Note ainda que é utilizada a mesma estratégia de nomenclatura de rótulos usada nas listagens, porém utilizando o prefixo **fig-**.

As figuras 1 e 2 mostram o resultado do código da Listagem 1.3. A Figura 2, em particular, utiliza o pacote **rotating** para mostrar figuras largas em modo paisagem. Basta usar o ambiente **sidewaysfigure** ao invés de **figure**.



Figura 2 – Exemplo de figura em modo paisagem: um modelo de objetivos (SOUZA; MYLOPOULOS, 2013).

Tabela 1 – Exemplo de tabela com diferentes alinhamentos de conteúdo.

Centralizado	Esquerda	Direita	Parágrafo
C	L	R	Alinhamento de tipo parágrafo especifica largura da coluna e quebra o texto automaticamente.
Linha 2	Linha 2	Linha 2	Linha 2

Tabela 2 – Exemplo que especifica largura de coluna e usa lista enumerada (adaptada de (SOUZA; MYLOPOULOS, 2013)).

<i>AwReq</i>	Adaptation strategies	Applicability conditions
AR1	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Warning</i>(“AS Management”) 2. <i>Reconfigure</i>(\emptyset) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Once per adaptation session; 2. Always.
AR2	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Warning</i>(“AS Management”) 2. <i>Reconfigure</i>(\emptyset) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Once per adaptation session; 2. Always.

Tabela 3 – Exemplo que mostra equações em duas colunas (adaptada de (SOUZA; MYLOPOULOS, 2013)).

$\Delta(I_{AR1}/NoSM) [0, maxSM] > 0$	(1.1)	$\Delta(I_{AR11}/VP2) < 0$	(1.5)
$\Delta(I_{AR2}/NoSM) [0, maxSM] > 0$	(1.2)	$\Delta(I_{AR12}/VP2) > 0$	(1.6)
$\Delta(I_{AR3}/LoA) < 0$	(1.3)	$\Delta(I_{AR6}/VP3) > 0$	(1.7)
	(1.4)		(1.8)

1.5 Tabelas

Tabelas são um ponto fraco do \LaTeX . Elas são complicadas de fazer e, dependendo da complexidade da tabela (muitas células mescladas, por exemplo), vale a pena construí-las em outro programa (por exemplo, em seu editor de texto favorito), converter para PDF e inclui-las no documento como figuras. Mostramos, no entanto, alguns exemplos de tabela a seguir. O código utilizado para criar as tabelas encontra-se nas listagens 1.4 e 1.5.

Listagem 1.4 – Código L^AT_EX utilizado para inclusão das tabelas 1 e 2.

```

1 % Exemplo de tabela 01:
2 \begin{table}
3 \caption{Exemplo de tabela com diferentes alinhamentos de conteudo.}
4 \label{tbl-intro-exemplo01}
5 \centering
6 \begin{tabular}{| c | l | r | p{40mm} |}\hline
7 \textbf{Centralizado} & \textbf{Esquerda} & \textbf{Direita} & \textbf{Parágrafo}
8 C & L & R & Alinhamento de tipo parágrafo especifica largura da coluna e quebra o
9 \hline
10 Linha 2 & Linha 2 & Linha 2 & Linha 2\\
11 \hline
12 \end{tabular}
13 \end{table}
14
15 % Exemplo de tabela 02:
16 \begin{table}
17 \caption{Exemplo que especifica largura de coluna e usa lista enumerada (adaptada
18 de~\cite{souza-mylopoulos:spe13}).}
19 \centering
20 \renewcommand{\arraystretch}{1.2}
21 \begin{small}
22 \begin{tabular}{| p{15mm} | p{77mm} | p{55mm} |}\hline
23 \textbf{\textit{AwReq}} & \textbf{Adaptation strategies} & \textbf{Applicability}
24 conditions\\
25 \hline
26 AR1 &
27 \vspace{-2mm}\begin{enumerate}[topsep=0cm, partopsep=0cm, itemsep=0cm, parsep=0cm,
28 leftmargin=0.5cm]
29 \item \textit{Warning}('AS Management')
30 \item \textit{Reconfigure}($\varnothing$)
31 \end{enumerate}\vspace{-4mm} &
32 \vspace{-2mm}\begin{enumerate}[topsep=0cm, partopsep=0cm, itemsep=0cm, parsep=0cm,
33 leftmargin=0.5cm]
34 \item Once per adaptation session;
35 \item Always.
36 \end{enumerate}\vspace{-4mm}
37 \hline
38 AR2 &
39 \vspace{-2mm}\begin{enumerate}[topsep=0cm, partopsep=0cm, itemsep=0cm, parsep=0cm,
40 leftmargin=0.5cm]
41 \item \textit{Warning}('AS Management')
42 \item \textit{Reconfigure}($\varnothing$)
43 \end{enumerate}\vspace{-4mm} &
44 \vspace{-2mm}\begin{enumerate}[topsep=0cm, partopsep=0cm, itemsep=0cm, parsep=0cm,
45 leftmargin=0.5cm]
46 \item Once per adaptation session;
47 \item Always.
48 \end{enumerate}\vspace{-4mm}
49 \hline
50 \end{tabular}
51 \end{small}
52 \end{table}

```

Listagem 1.5 – Código L^AT_EX utilizado para inclusão da Tabela 3.

```

1 % Exemplo de tabela 03:
2 \begin{table}
3 \caption{Exemplo que mostra equações em duas colunas (adaptada de~\cite{souza-
   mylopoulos:spe13}).}
4 \label{tbl-intro-exemplo03}
5 \centering
6 \vspace{1mm}
7 \fbox{\begin{minipage}{.98\linewidth}
8 \begin{minipage}{0.51\linewidth}
9 \vspace{-4mm}
10 \begin{eqnarray}
11 \Delta \left( I_{\text{AR1}} / \text{NoSM} \right) \left[ 0, \text{maxSM} \right] > 0\\
12 \Delta \left( I_{\text{AR2}} / \text{NoSM} \right) \left[ 0, \text{maxSM} \right] > 0\\
13 \Delta \left( I_{\text{AR3}} / \text{LoA} \right) < 0
14 \end{eqnarray}
15 \vspace{-6mm}
16 \end{minipage}
17 \hspace{2mm}
18 \vline
19 \begin{minipage}{0.41\linewidth}
20 \vspace{-4mm}
21 \begin{eqnarray}
22 \Delta \left( I_{\text{AR11}} / \text{VP2} \right) < 0\\
23 \Delta \left( I_{\text{AR12}} / \text{VP2} \right) > 0\\
24 \Delta \left( I_{\text{AR6}} / \text{VP3} \right) > 0
25 \end{eqnarray}
26 \vspace{-6mm}
27 \end{minipage}
28 \end{minipage}}
29 \end{table}

```

2 Algoritmo de Dijkstra

2.1 O Algoritmo

O algoritmo de Dijkstra foi proposto por Edgar W. Dijkstra em 1959 ([DIJKSTRA, 1959](#)). Ele tem por objetivo definir o menor caminho partindo do vértice origem v_s e chegando a todos os demais vértices v_i do grafo $G = (V, E)$. Para garantir a viabilidade do algoritmo, assume-se que todos os pesos $w(u, v)$ sejam maiores ou iguais a zero para toda aresta E do grafo G ([CORMEN, 2009](#)).

A seguir é apresentado o pseudocódigo do algoritmo conforme descrito em [Drozdek \(2012\)](#).

Listagem 2.1 – Algoritmo de Dijkstra.

```

1 DijkstraAlgorithm( weighted simple digraph , vertex first )
2   for all vertices v
3     currDist( v ) =  $\infty$ ;
4   currDist( first ) = 0;
5   toBeChecked = all vertices ;
6   while toBeChecked is not empty
7     v = a vertex in toBeChecked with minimal currDist( v );
8     remove v from toBeChecked;
9     for all vertices u adjacent to v and in toBeChecked
10      if currDist( u ) > currDist( v ) + weight( edge( vu ) )
11        currDist( u ) = currDist( v ) + weight( edge( vu ) );
12        predecessor( u ) = v;
```

O algoritmo inicia atribuindo o valor inicial de cada distância de cada vértice do grafo igual a ∞ , com exceção do vértice inicial v_s que será iniciado por 0. Em seguida todos os vértices são adicionados ao conjunto dos "toBeChecked" ("aSeremChecados"). Feito isso, inicia-se o processo iterativo: seleciona-se o vértice v de menor custo que esteja dentro do conjunto "toBeChecked", retira-se ele do conjunto e a partir dele, para cada vértice adjacente u de v , verifica-se se a distância atual calculada de u é maior do que a distância calculada de v mais o valor referente ao peso da aresta de v e u (origem em v). Caso seja verdade, a distância atual de u é substituída pela soma da distância atual de v mais o peso da aresta de v e u (este valor corresponde a distância do vértice de origem v_s até u), além de definir o antecessor u como sendo v . Repete-se o passo iterativo até que o conjunto "toBeChecked" esteja vazio¹.

Ao final do algoritmo, teremos o conjunto de predecessores de cada vértice do grafo, e a partir deste, poderemos definir a rota para qualquer vértice do grafo partindo de v_s . A figura 3 mostra um exemplo de aplicação do algoritmo a um grafo.

¹ Em linguagens de programação, é costume substituir o valor ∞ pelo maior número representativo do tipo



Figura 3 – Aplicação do algoritmo de Dijkstra tendo o vértice "A" como origem. As arestas pintadas de preto correspondem a rota calculada a todos os demais vértices.

2.1.1 Garantia do algoritmo retorna o menor valor

[Professora, a prova de que algoritmo de Dijkstra retorna o menor caminho entre todos os pontos eu penso colocar nesta subseção.]

2.2 Versões do Algoritmo implementadas e suas Estrutura de Dados

Para este projeto de graduação será implementada três versões do algoritmo de Dijkstra baseados em estruturas de dados diversas que implicam em tempos computacionais diferentes (CORMEN, 2009).

da variável selecionado para representar a distância. Por exemplo na linguagem C, caso se utilize o valor `int` (inteiro) para representar a distância, a atribuição inicial será dado pela constante `INT_MAX` definida pela biblioteca "limits.h", que representa o maior valor numérico representado por esse tipo de variável.

As versões implementadas são o Dijkstra Canônico (descrito a seguir), Dijkstra Heap Binário (subseção 2.2.1) e Dijkstra Heap de Fibonacci (subseção 2.2.2), todas baseadas em [Cormen \(2009\)](#), [Drozdek \(2012\)](#).

Para a versão Dijkstra Canônico o algoritmo utiliza de um vetor para armazenar as distâncias calculadas pelo algoritmo (o índice dos vértices correspondem ao índice do vetor em que são armazenados), e a cada passo iterativo (conforme demonstrado pelo algoritmo na seção 2.1), uma busca linear é realizada para determinar o vértice (fora do conjunto "toBeChecked") cuja a distância é menor dentre todas as outras. O tempo computacional para esse caso é $O(|V|^2)$ ([DROZDEK, 2012](#)).

2.2.1 Dijkstra Heap Binário

Para esta implementação, será utilizada a estrutura de dados heap binária mínima como fila de prioridade. Heaps binária podem ser descritas como árvores binárias que possuem as seguintes propriedades ([DROZDEK, 2012](#)):

1. O valor de cada nodo não é maior do que os valores guardados em cada um de seus filhos.
2. A árvore é perfeitamente balanceada, e as folhas no último nível estão todas mais a esquerda.

Um exemplo de estrutura Heap Binário representada tanto como árvore como vetor pode ser visualizado nas figuras 4 e 5 respectivamente.

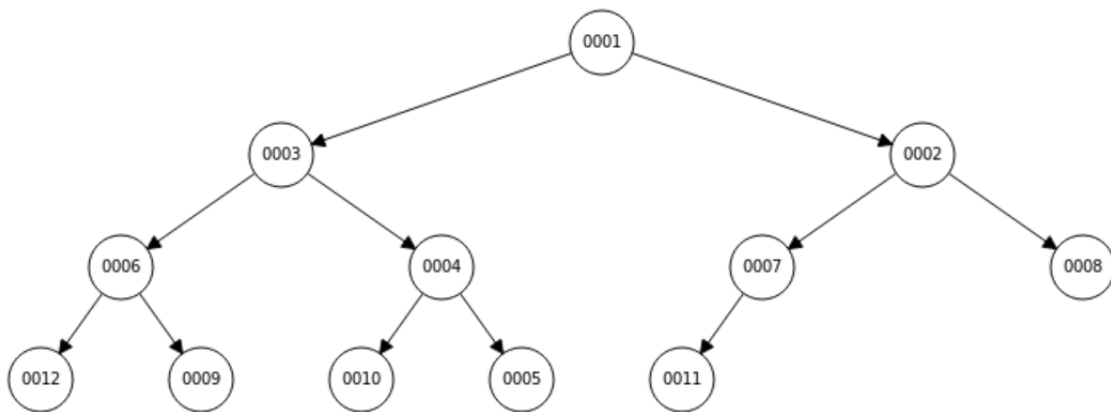


Figura 4 – Exemplo de Heap Binário representado como árvore.

0001	0003	0002	0006	0004	0007	0008	0012	0009	0010	0005	0011
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

Figura 5 – Representação do Heap Binário da figura 4 como vetor.

A disposição dos elementos da árvore no vetor segue as seguintes relações entre nós pai, filho-direita e filho-esquerda:

Pai(i): $\lfloor i/2 \rfloor$

Filho-esquerda(i): $2 * i$

Filho-direita(i): $2 * i + 1$

Onde $i \in \mathbb{N}$ e $i \in [1, n]$, sendo que i representa o índice do elemento no vetor e n o número de elementos da árvore.

Para efeito de exemplo (observe as figuras 4 e 5 para constatação), o nó que está contido na posição 4 do vetor possui como pai o nó de posição 2 ($\lfloor 4/2 \rfloor = 2$), tem como filho da esquerda o nó de posição 8 ($2 * 4 = 8$) e filho da direita o nó de posição 9 ($2 * 4 + 1 = 9$).

A vantagem de se usar essa estrutura de dados reside no fato de suas operações de inserção, extração de mínimo e reconstrução da heap possuírem tempo computacional de $O(\lg n)$. Por consequência, o tempo computacional para este caso é de $O(|E| \lg |V|)$ (CORMEN, 2009).

2.2.2 Dijkstra Heap de Fibonacci (A revisar)

A Heap de Fibonacci consiste de uma coleção de árvores que seguem a regra de árvore heap mínima, ou seja, os nós pais são maiores ou iguais aos nós filhos. Os nós raízes de cada árvore são interligados por uma lista circular duplamente encadeada. Um ponteiro chamado "raiz mínima" aponta para o nó de menor valor.

Sua característica é que operações de adição são executadas de uma maneira "preguiçosa", não procurando criar uma forma para as árvores (como por exemplo, deixá-la balanceada), apenas as adicionamos-as a lista principal de raízes. Por consequência, operações de inserção possuem tempo computacional $O(1)$ (CORMEN, 2009).

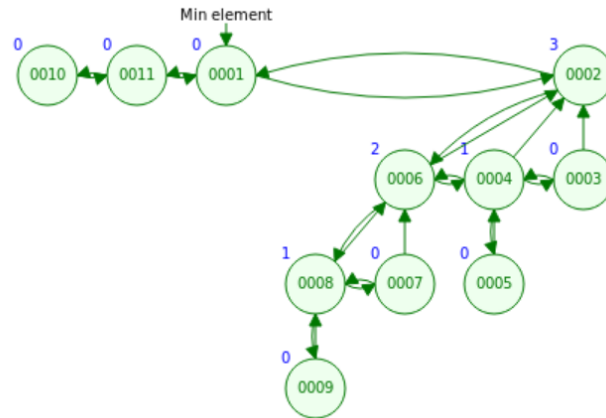


Figura 6 – Exemplo de Heap de Fibonacci (os números no canto superior esquerdo de cada nodo correspondem ao grau de cada um, ou seja, o número de filhos).

Para operações de extração de mínimo o tempo computacional é mais custoso. Isso é devido ao fato de que quando o mínimo é retirado, a heap precisa ser reorganizada de forma que sua propriedade principal não seja violada e o um novo mínimo seja determinado. Para isso a operação de extração de mínimo se dá em três etapas. Primeiro é retirado o mínimo da heap (se caso o mínimo possua nós filhos, eles são colocados na lista principal de raízes) e o seu vizinho é assimilado como o novo mínimo provisório. Agora precisamos definir quem é o novo mínimo e para isso teremos que verificar todos os demais nós raízes. Com o intuito de diminuir o número de nós raízes é que o segundo passo é aplicado. Ele consiste em lincar raízes com o mesmo número de grau (grau corresponde ao número de filhos que cada nodo possui) e para cada par de nodos lincados, verifica-se qual dos dois é menor. O que for o menor será o nodo pai e outro por consequência será o nodo filho. Após a lincagem de todos os nodos com mesmo número de grau, uma busca linear é realizada para se determinar o menor elemento entre os nodos raízes restantes. O tempo computacional para a extração de mínimo é $O(\lg n)$ (CORMEN, 2009).

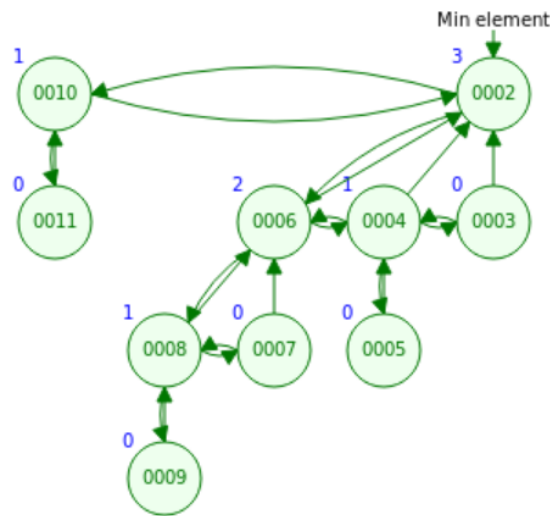


Figura 7 – Heap de Fibonacci da figura 6 após a operação de extração de mínimo.

Finalmente para a operação de mudança de chave de um determinado nodo, e após a mudança realizada em tempo constante ($O(1)$), é verificado se a propriedade heap foi violada. Se caso sim, esse nodo é cortado de seu nodo pai e colocado junto a lista principal. Se o pai não pertencer a lista de nodos raízes, ele é "marcado" ("pintado") e caso já estivesse "marcado" ele também é cortado e seu pai é "marcado". Esse processo continua subindo até encontrarmos um nodo pai "não marcado" ou um nodo raiz. Após esse processo recursivo ter terminado, verifica-se se nodo modificado inicialmente é menor do que o nodo mínimo atual. Se caso sim, o novo nodo mínimo é o modificado. O tempo computacional é $O(1)$ (CORMEN, 2009).

Por consequência, o tempo computacional aplicado para o algoritmo de Dijkstra é de $O(|V| \lg |V| + |E|)$ (CORMEN, 2009).

2.3 Experimentos Computacionais

Para a realização dos experimentos computacionais será rodado instâncias de grafos que representam malhas rodoviárias reais. Todas elas descritas nas tabelas 4 e 5, e disponíveis no sítio eletrônico <<http://www.dis.uniroma1.it/challenge9/download.shtml>> (acesso em 28 de janeiro de 2017).

Tabela 4 – Instâncias a serem rodadas pelo algoritmo de Dijkstra em suas três versões.

Nome Instância	Descrição
USA-road-d.NY.gr	Representa a malha viária do estado de Nova Iorque, Estados Unidos
USA-road-d.BAY.gr	Representa a malha viária da bahia de São Francisco, Califórnia, Estados Unidos
USA-road-d.COL.gr	Representa a malha viária do estado do Colorado, Estados Unidos
USA-road-d.FLA.gr	Representa a malha viária do estado da Flórida, Estados Unidos

Tabela 5 – Configuração dos grafos correspondentes as malhas viárias descritas na tabela 4.

Nome Instância	Número de Vértices $ V $	Número de Arestas $ E $
USA-road-d.NY.gr	264.346	733.846
USA-road-d.BAY.gr	321.270	800.172
USA-road-d.COL.gr	435.666	1.057.066
USA-road-d.FLA.gr	1.070.376	2.712.798

2.3.1 Resultados obtidos

Os resultados dos testes obtidos estão descritos a seguir.

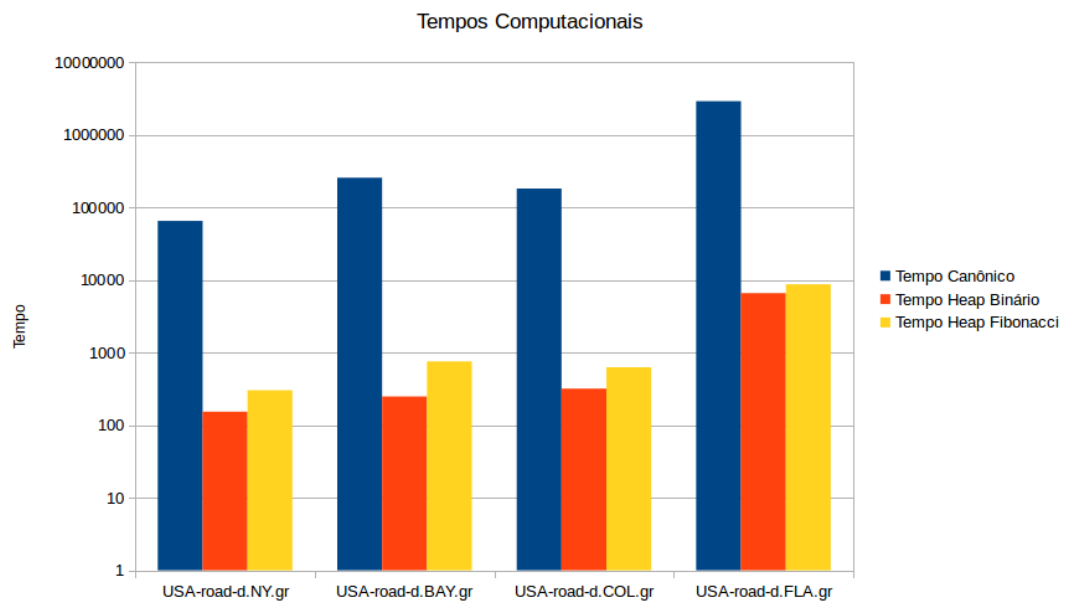


Figura 8 – Tempos computacionais obtidos pelos Métodos de Dijkstra empregados (tempo em escala logarítmica).

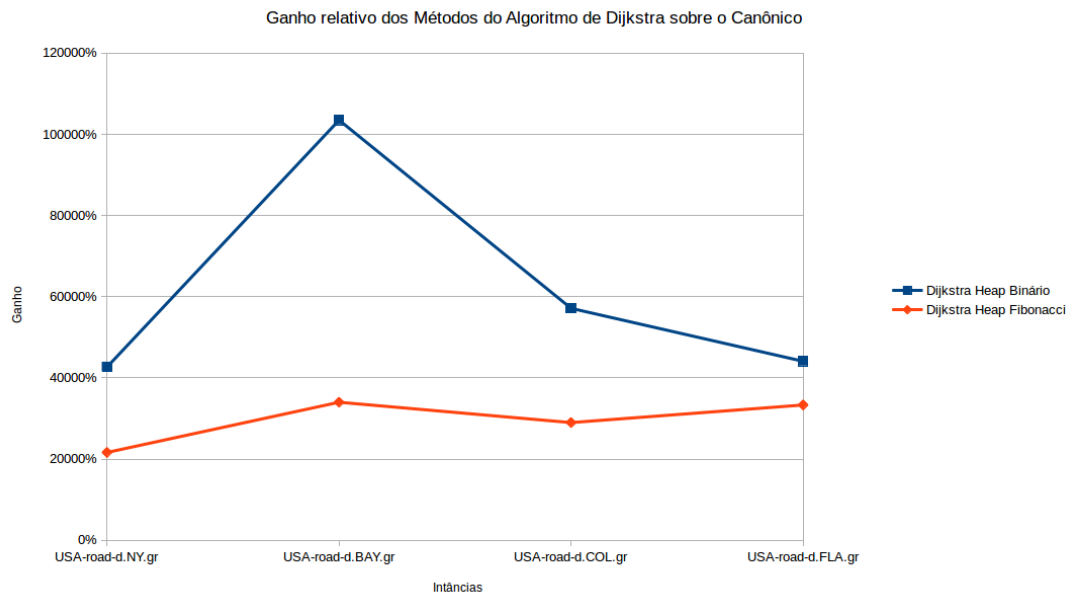


Figura 9 – Ganho relativo dos Métodos do Algoritmo de Dijkstra sobre o Canônico.

Tabela 6 – Tempos Computacionais obtidos pelo algoritmo de Dijkstra em suas diferentes versões (tempo em milissegundos).

Nome Instância	Tempo Canônico	Tempo Heap Binário	Tempo Heap Fibonacci
USA-road-d.NY.gr	65287	153	302
USA-road-d.BAY.gr	256690	248	755
USA-road-d.COL.gr	181687	318	627
USA-road-d.FLA.gr	2909655	6601	8732

Tabela 7 – Ganho relativo sobre o Dijkstra Canônico.

Nome Instância	Ganho Heap Binário	Ganho Heap Fibonacci
USA-road-d.NY.gr	42.671%	21.618%
USA-road-d.BAY.gr	103.504%	33.999%
USA-road-d.COL.gr	57.134%	28.977%
USA-road-d.FLA.gr	44.079%	33.322%

2.3.2 Análise dos resultados

Podemos observar que o Dijkstra Canônico elevou um tempo consideravelmente grande (a instância USA-road-d.FLA.gr por exemplo levou aproximadamente 48 minutos). Já o uso de estrutura de dados impactou consideravelmente no ganho do tempo sendo que o Heap Binário teve um ganho médio de 61.847% com relação ao Dijkstra Canônico enquanto Dijkstra Heap de Fibonacci teve um ganho médio de 29.479% (vide tabela 7).

Com relação ao resultado obtido pelos métodos do Heap Binário e Heap de Fibonacci, ele é de certo modo inesperado, já que conforme demonstrados nas subseções 2.2.1 e 2.2.2,

o heap de Fibonacci possui tempo computacional, aplicado ao algoritmo de Dijkstra, de $O(|V| \lg |V| + |E|)$ enquanto o heap binário possui $O(|E| \lg |V|)$. Como para todas as instâncias rodadas $|E| > |V|$ (vide tabela 5), era de se esperar do ponto de vista teórico que a heap de Fibonacci apresentasse tempos mais rápidos do que o Heap Binário.

Porém, conforme também constatado por [Larkin, Sen e Tarjan \(2014\)](#), a aplicação prática das estruturas de dados nem sempre corresponde a esperada descrita na teoria. [Larkin, Sen e Tarjan \(2014\)](#) mostram que estrutura de dados heaps baseadas em vetor são, na prática, mais eficientes do que a Heap de Fibonacci (vide referência para mais detalhes). É o que os testes realizados por este trabalho também constata.

2.4 Conclusões (A revisar)

Conforme demosntramos pelos experimentos descritos na seção 2.3, o algoritmo de Dijkstra que obteve o melhor resultado foi o Heap Binário, sendo mais rápido do que o próprio Heap de Fibonacci que teoricamente deveria ser mais rápido.

Em termos de implementação, sem dúvida o mais complicado para se implementar foi o Heap de Fibonacci devido a sua própria estrutura, como a lista de nós raízes que é uma lista circular duplamente encadeada, e pelas funções de reestruturação da estrutura que possui muitas movimentações de nodos e tratamento de casos de desvio de condição.

Com isso, colocando em termos práticos, das formas de implementação apresentadas a que melhor se sobressai é o Heap Binário que não só se sobressaiu no tempo dentre outros, como sua implementação é simples.

3 Especificação de Requisitos

Texto.

4 Projeto Arquitetural e Implementação

Texto.

5 Considerações Finais

Texto.

Referências

- CORMEN, T. H. *Introduction to algorithms*. [S.l.]: MIT press, 2009. Citado 6 vezes nas páginas 20, 21, 22, 23, 24 e 25.
- DIJKSTRA, E. W. A note on two problems in connexion with graphs. *Numerische mathematik*, Springer, v. 1, n. 1, p. 269–271, 1959. Citado na página 20.
- DROZDEK, A. *Data Structures and algorithms in C++*. [S.l.]: Cengage Learning, 2012. Citado 2 vezes nas páginas 20 e 22.
- LARKIN, D. H.; SEN, S.; TARJAN, R. E. A back-to-basics empirical study of priority queues. In: SIAM. *2014 Proceedings of the Sixteenth Workshop on Algorithm Engineering and Experiments (ALENEX)*. [S.l.], 2014. p. 61–72. Citado na página 28.
- SOUZA, V. E. S.; FALBO, R. A.; GUIZZARDI, G. Designing Web Information Systems for a Framework-based Construction. In: HALPIN, T.; PROPER, E.; KROGSTIE, J. (Ed.). *Innovations in Information Systems Modeling: Methods and Best Practices*. 1. ed. [S.l.]: IGI Global, 2008. cap. 11, p. 203–237. Citado na página 13.
- SOUZA, V. E. S. et al. Requirements-driven software evolution. *Computer Science - Research and Development*, Springer, v. 28, n. 4, p. 311–329, 2013. Citado na página 13.
- SOUZA, V. E. S. et al. Awareness Requirements. In: LEMOS, R. et al. (Ed.). *Software Engineering for Self-Adaptive Systems II*. [S.l.]: Springer, 2013, (Lecture Notes in Computer Science, v. 7475). p. 133–161. Citado na página 13.
- SOUZA, V. E. S.; MYLOPOULOS, J. Designing an adaptive computer-aided ambulance dispatch system with Zanshin: an experience report. *Software: Practice and Experience* (online first: <http://dx.doi.org/10.1002/spe.2245>), Wiley, 2013. Citado 4 vezes nas páginas 8, 9, 16 e 17.

Apêndices